

DESFIGURAÇÃO DO RETRATO: UM PROCESSO PICTÓRICO DE DESMANCHAR

RODEGHIERO, Ângela Monsam¹; MONSELL, Alice Jean²

¹Acadêmica do curso de Bacharelado em Artes Visuais (CA/UFPEL)/bolsista PROBEC; ²Professora do Centro de Artes/UFPEL, alicejean@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa intitulada *Desfiguração do retrato: um processo pictórico de desmanchar* é uma pesquisa em poéticas visuais na área de pintura e está sendo elaborada como Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPEL. Seu foco está na produção prática e reflexão teórica sobre o processo de criação das pinturas desenvolvidas nestes últimos dois anos. Abordo as questões e conceitos que cercam a minha poética¹, mais precisamente a representação do retrato na arte contemporânea brasileira; o uso da fotografia como referência para a figura humana; procedimentos pictóricos de derramar e “filetar”² a tinta para desmanchar as feições da figura. Experimento com procedimentos de pintar retratos fotográficos que envolvem uma operação de perda, esvaziamento ou derretimento da identidade do retratado.

Esta pesquisa partiu de pintura de retratos influenciados pela reflexão sobre a exposição³ e sobre os textos do catálogo desta exposição intitulada, “Identidade/não-identidade: a fotografia brasileira atual” que evidenciava questões do retrato e autorretrato na arte brasileira (CHIARELLI, 1999). No texto do catálogo da exposição, o curador e crítico de arte brasileiro Tadeu Chiarelli, discute a produção de artistas e seus procedimentos que põem em questão a representação da identidade da figura. A leitura do texto me incitou a pensar sobre a possibilidade de trabalhar com o retrato na pintura e problematizar o reconhecimento da identidade da figura, buscando modos de desfigurar o retrato.

O objetivo desta pesquisa, portanto, parte de um questionamento sobre a identidade do retratado na pintura figurativa e meu interesse de retratar a perda da identidade. Com isso surgiram algumas dúvidas que me instigaram a pensar nos problemas que cercam o meu trabalho, entre elas: de que forma eu poderia representar essa perda da identidade da figura na pintura?

Ao refletir sobre o procedimento de retratar a figura a partir de fotos, emergem questões importantes para a conceituação desta poética visual, tais como: o retrato como referência para a construção da figura; a deformação figurativa; a desfiguração dos traços, a construção da cor da figura e do fundo; a sensação do grotesco; a beleza estranha das misturas cromáticas pastosas, onduladas e orgânicas, e a presença de uma figura em processo de desmanchamento.

Outras questões da pintura e da representação estão relacionadas com os referenciais artísticos que ajudam a elucidar meu processo. Para isso, estabeleço

¹ Segundo metodologia de pesquisa em poéticas visuais, normalmente o texto é redigido na primeira pessoa que neste caso se refere à autora das obras, Ângela Monsam, embora o texto em si seja uma colaboração das duas autoras.

² Palavra criada juntamente com minha orientadora Alice Monsell para dar nome ao procedimento.

³ Exposição realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo entre 26 de junho e 27 de julho de 1997 e no Centro Cultural Light, Rio de Janeiro, entre 2 de setembro e 9 de outubro de 1997.

um diálogo com obras do artista brasileiro Iberê Camargo sobre a espessura pastosa da superfície pictórica, a espontaneidade e o “controle” do gesto que constrói a figura. Estudo no pintor britânico Francis Bacon, a questão da figura grotesca e deformada, bem como o uso do retrato fotográfico como modelo para a pintura, com o objetivo de distinguir criticamente estes aspectos em meu trabalho.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Neste trabalho, compoño pesquisa bibliográfica e trabalhos práticos feitos no ateliê de pintura do Centro de Artes da UFPel e a metodologia de pesquisa em poéticas visuais que parte do desenvolvimento prático dos procedimentos pictóricos para a reflexão teórica sobre o processo de elaboração das obras. Nesta poética, o uso de retratos fotográficos é o ponto de partida das pinturas (Fig. 1) e envolve a construção das figuras com tintas acrílica e vinílica, usando tons terrosos que se mesclam formando linhas onduladas e formas orgânicas (Fig. 2).



Figura 1 (a, b): Arquivo fotográfico pessoal



Figura 2: detalhe de um dos trabalhos

Primeiro escolho a fotografia do rosto de uma pessoa (de algum familiar ou amigo) que será utilizada para fazer o esboço do contorno da cabeça e ombros da figura. Ainda olhando para o retrato fotográfico, delimito a área da figura e do fundo, particularmente a cabeça e os ombros, com lápis sobre a tela na horizontal. Preparo a primeira camada de tinta usada na figura, misturando cola branca com a tinta

vinílica branca para evitar rachaduras após a secagem. Com a tela esticada sobre o chassi e deitada sobre a mesa, derramo essa tinta viscosa do pote diretamente sobre a superfície da tela na área que corresponde à cabeça.

Em uma paleta, as cores selecionadas para fazer a “cor da pele” da figura são: terra de siena queimada, sépia, ocre, vermelho, vinho e preto. Ainda com a tela deitada, aplico a tinta acrílica com o pincel filete⁴, usando o procedimento de filetar. Depois, colocando a tela em pé, perpendicular ao chão, faço os escorridos. Coloco a tinta vinílica na parte superior da tela e, com a tinta escorrendo, vou aplicando os tons de tal forma que desmanche as feições da figura. (Fig. 3) No período de agosto a novembro, pretendo registrar com o vídeo esta ação do escorrer.

Por fim, com a tela novamente deitada sobre a mesa, é então feito o fundo. Com um pincel de cerdas grossas, escolho os tons que misturo na palheta e aplico sobre a tela, usando uma tinta menos viscosa. Este tratamento diferente do fundo cria uma superfície rala e lisa, pois assim o fundo fica mais neutro destacando a figura, que é o que me interessa enfatizar no trabalho (Fig. 3). Em outros experimentos, ao deixar o branco da própria tela ser o fundo, chamo atenção para a figura, atingindo o objetivo de visualizar também o seu desmanchamento.



Figura 3: Ângela Monsam, Sem Título I, tinta vinílica e acrílica sobre tela, 60cm x 100cm, 2010.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, foram feitos muitos estudos práticos, ao qual o número ultrapassa de trinta. Até o momento, foram realizados doze trabalhos acabados: oito sobre tela, três sobre papel e um em cerâmica (argila).

A partir do desenvolvimento prático e reflexão teórica sobre o conjunto de procedimentos que constrói um retrato pictórico desfigurado, emergem as questões relevantes à conceituação desta poética. Nesta etapa da pesquisa, portanto, estudo “o viscoso” do filósofo francês Gaston Bachelard (BACHELARD, 1991) para relacionar este conceito às questões como: a desfiguração, o grotesco e a perda. O texto do filósofo francês Hubert Damisch, “A Astúcia do Quadro” fornece um aporte

⁴ Pincel com cerdas finas de nº 2/0. Segundo o dicionário Aurélio, “filete” significa: pequeno fio.

teórico para refletir sobre o processo de construir a figura com a tela posta na horizontal e, subsequente, desmanchamento da figura, com a tela posta no sentido vertical. As questões do retrato e da identidade são vistas em autores como: historiadora brasileira Annateresa Fabris; artista brasileira Juliana Angeli e escritor francês Jean Genet.

4 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa em andamento, algumas considerações podem ser feitas em relação à perda da identidade sugerida nas pinturas. A perda nestas pinturas se constrói através de um processo pictórico de fazer e desfazer a identidade da figura, pois, primeiro o rosto é pintado e, depois, desmanchado, ou melhor, esvaziado. O processo dá origem a dois níveis de esvaziamento: material e figurativo/representacional. Existe o esvaziamento material e literal da tinta que escorre e desfaz a figura que se torna ambígua, desfigurando seus traços que a caracterizavam no modelo fotográfico. Na pintura, a singularidade do retratado foi perdida que constitui outro nível de esvaziamento figurativo, que se trata de uma perda de conteúdo significativa. A figura se torna irreconhecível como identidade singular. As pinturas ainda se referem ao retrato na relação figura e fundo, mas se abrem à ressignificação de outras identidades e sentidos incertos. A ambigüidade figurativa assinala outra perda discutida por Chiarelli: a problemática da perda de identidade do sujeito contemporâneo (1999, p.134).

Outra conclusão parcial pode ser colocada neste momento sobre a desfiguração do retrato é como essa constrói as sensações contraditórias de prazer e de desconforto. De um lado, percebe-se a beleza material na tinta e nas misturas cromáticas, nas linhas sinuosas orgânicas e espirais que formam a figura. Por outro lado, se percebe a feiúra da desfiguração, ou seja, da representação de uma figura derretida que assume outra identidade informe e grotesca. A deformação e o desmanchamento da figura criam incerteza e desconforto. Põe em questão o grau de perda de identidade, pois, não se sabe mais se a figura é de fato ainda humana.

5 REFERÊNCIAS

- ANGELI, Juliana. A Ressignificação do retrato fotográfico na arte contemporânea. In: CATTANI, Icléia (Org.). **Mestiçagens na arte contemporânea**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p.167 – 181.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade: ensaios sobre a imaginação das forças**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- CHIARELLI, Tadeu. **Arte internacional brasileira**. São Paulo: Lemos, 1999, p.132 – 140.
- DAMISCH, Hubert. A Astúcia do Quadro. In: **Revista Gávea**. Rio de Janeiro: Editora PUCRJ, n. 10, p. 99 -108, 1994.
- FABRIS, Annateresa. **Identidades Virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- FRACO, Vera. Francis Bacon. **GALERIA: Revista da arte**, São Paulo: Área, v.21, p. 78 - 85, 1990.
- GENET, Jean. **O ateliê de Giacometti**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.